

**MUSA: O MUSEU DE CIÊNCIAS VIVO DA AMAZÔNIA**

**MUSA: THE AMAZON LIVING SCIENCE MUSEUM**

**Marley Guerreiro de Almeida<sup>1\*</sup>**  
**Vivian Battaini<sup>2\*\*</sup>**

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo caracterizar o Museu da Amazônia (Musa), Manaus – AM, como um Museu de Ciências e um Museu Vivo, destacando o seu papel como promotor da conservação da biodiversidade amazônica. A metodologia utilizada é qualitativa fenomenológica por meio da realização de análise documental e entrevista narrativa. Os dados foram analisados com base na Análise Textual Discursiva (ATD). Enquanto Museu de Ciências, o Musa explora as Ciências Naturais, em especial a biodiversidade amazônica em diferentes aspectos, inclusive culturais. Como Museu Vivo promove uma imersão na floresta amazônica, realiza parcerias com povos tradicionais contribuindo com a manutenção da cultura viva, e desenvolve pesquisas e parcerias com pesquisadores que colabora para que a produção do conhecimento se mantenha vivo na instituição. O Museu da Amazônia é uma importante instituição em Manaus – AM para a divulgação científica e conservação da biodiversidade amazônica e pode inspirar outros espaços de educação e divulgação científica no Brasil e no mundo.

**Palavras-chave:** Museu de ciências. Amazônia. Divulgação Científica.

**ABSTRACT**

This article aims to characterize the Museu da Amazônia (MUSA), located in Manaus - AM, as a Science Museum and a Living Museum, highlighting its role as a promoter of Amazonian biodiversity conservation. The methodology employed is qualitative phenomenological, through documentary analysis and narrative interviews. Data were analyzed based on Discursive Textual Analysis (DTA). As a Science Museum, MUSA explores Natural Sciences, particularly Amazonian biodiversity in various aspects, including cultural ones. As a Living Museum, it provides an immersion into the Amazon rainforest, partners with traditional peoples contributing to the preservation of living culture, and develops research and partnerships with researchers that help keep knowledge production alive in the institution. The Museu da Amazônia is an important institution in Manaus - AM for science communication and conservation of Amazonian biodiversity and can inspire other spaces for education and science communication in Brazil and worldwide.

**Keywords:** Science Museum. Amazon. Science Communication.

---

<sup>1\*</sup> Mestranda pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: [almeidamarley10@gmail.com](mailto:almeidamarley10@gmail.com).

<sup>2\*\*</sup> Doutora pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ). Professora na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: [vbattaini@uea.edu.br](mailto:vbattaini@uea.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2231-0010>



## 1 INTRODUÇÃO

A Amazônia é retratada em diversos museus pelo mundo, porém em Manaus - AM temos a possibilidade de experienciar / vivenciar a floresta amazônica por meio de uma visita ao Museu da Amazônia (Musa). Nesse artigo caracterizamos o Musa frente duas perspectivas, enquanto Museu de Ciências e como Museu Vivo, destacando o seu papel como promotor da conservação da biodiversidade amazônica<sup>3</sup>.

O Musa apresenta o termo museu em seu nome, mas poucas pesquisas são desenvolvidas apresentando-o, identificando-o ou caracterizando-o como um Museu de Ciências. Ele é um Museu de Ciências por apresentar e colocar em diálogo diversos aspectos científicos, em especial a biodiversidade amazônica.

Em relação ao conceito de Museu Vivo, não identificamos nenhum trabalho que o classifique como tal. Em seu artigo Candotti (2021) afirma que o Musa é um Museu Vivo, porém para essa afirmação ele não utiliza o referencial teórico de Museu Vivo. Enquanto os museus tradicionais, muitas vezes, se concentram na apresentação de artefatos e informações de forma estática, os museus vivos oferecem oportunidades para que os visitantes participem ativamente, experimentem, aprendam e interajam com o conteúdo apresentado. Eles promovem uma abordagem dinâmica e envolvente, proporcionando experiências que estimulam os sentidos, as emoções e o pensamento crítico dos visitantes. Como destaca Assumpção Cordeiro (2019, p. 7), o "Museu vivo incorpora uma abordagem que visa (re)conhecimento, apropriação, preservação e apreciação do patrimônio cultural, por meio de interações com a museologia, a cultura e a educação". O Museu da Amazônia manifesta uma profunda apreciação pela complexidade e diversidade da Amazônia, convidando os visitantes a explorar e entender a região através de uma perspectiva única e holística (Musa, 2023).

Acreditamos que essa caracterização é importante para valorizar o potencial do Musa, contribuir para a construção de conhecimentos na área de museus e fomentar a criação e

---

<sup>3</sup> Esse artigo é um desdobramento da dissertação de mestrado "Percepções dos monitores do Museu da Amazônia (Musa) sobre Biodiversidade" que teve como objetivo geral relacionar as percepções de monitores do Musa sobre biodiversidade com as possibilidades de atuação em um Museu Vivo. A dissertação foi produzida por uma das autoras e orientada pela outra no Programa de Pós-graduação em Educação e Ensino de Ciências/ Mestrado Acadêmico Educação em Ciências na Amazônia-PPGEEC com financiamento da FAPEAM – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas.

manutenção de Museus Vivos.

Para alcançar esse propósito, iniciamos esse artigo com uma contextualização teórica sobre esses tipos de museus.

## 2 MUSEUS DE CIÊNCIAS E A BIODIVERSIDADE

Os Museus de Ciências no Brasil desempenham um papel crucial na educação e na divulgação científica para a população (Marandino, 2009). Essas instituições oferecem exposições interativas, programas educacionais, eventos e atividades que visam despertar o interesse e a curiosidade das pessoas em relação à ciência e à tecnologia (Marandino, 2009). Os Museus de Ciências são instituições que proporcionam que os estudantes e o público em geral explorem conceitos científicos de forma prática e envolvente (Silva, 2020).

Studart (2014) afirma que, como espaços de educação não formal e divulgação científica, os museus não podem ficar alheios à discussão de questões ambientais. Estas instituições possuem elementos capazes de trazer à tona questões muitas vezes relevantes à biodiversidade, como a atual crise provocada pelas ameaças antrópicas, que resulta em extinções aceleradas e sem precedentes históricos (Falaschi, Capellari, Oliveira, 2011; Primack; Rodrigues, 2001).

De acordo com Oliveira (2010), um elemento intrigante na história da biodiversidade e dos museus é o seu surgimento nos Gabinetes de Curiosidade do século XVII, considerados os antecessores dos museus contemporâneos. Estes gabinetes eram espaços que hospedavam coleções privadas de nobres, compostas por uma vasta gama de objetos, incluindo plantas, animais, artefatos históricos, entre outros. Embora tenham permitido que uma pequena parte da sociedade tivesse o primeiro contato com a diversidade biológica, os gabinetes não tinham um propósito científico ou educativo; eram mais vistos como um passatempo e conferiam status à elite da época (Marandino, 2001).

De acordo com Bonfim et al (2020), os estudos sobre biodiversidade desempenham um papel fundamental nas atividades educativas dos museus, pois, podem impulsionar melhorias em ações, estratégias e produções no âmbito da educação não formal. O autor reconhece que a importância dos estudos da biodiversidade nas atividades educativas em museus está



intimamente ligada à compreensão do potencial desses espaços para promover a educação não formal.

A biodiversidade é um conceito polissêmico, sendo que numa perspectiva ecológica é comumente dividido em: espécie, genética e ecossistema (Oliveira, 2005; Raven, 1992; Lévêque, 1999; Bensuan, 2008). Porém, a perspectiva cultural tem aparecido em diversos estudos. Orozco (2017, p. 178) observa que "experiências que exploram a biodiversidade sob uma perspectiva cultural permitem entender a relação entre nossas práticas cotidianas e a conservação da biodiversidade, bem como a estreita ligação entre diversidade cultural e diversidade biológica". Isso significa que tais discussões abordam as concepções biológicas e também suas interações com as propriedades ecossistêmicas que possuem valores de natureza cultural, intelectual, estética e espiritual, todos essenciais para a sociedade.

Ao integrar estudos sobre biodiversidade em suas atividades educativas, os Museus de Ciências têm o potencial de ampliar o conhecimento do público sobre a importância da conservação dos ecossistemas e das espécies. Além disso, ao oferecerem experiências práticas e interativas, eles podem inspirar os visitantes a se engajarem em ações de conservação ambiental em suas comunidades.

## 2.1 Museus Vivos

Freire (1992) ressalta que o surgimento do conceito de Museu Vivo faz parte do processo de reconfiguração da instituição museu, resultando em uma redefinição de sua função social. Segundo o autor, esse movimento teve origem na Europa e nos Estados Unidos na década de 1920, ganhando maior intensidade nas décadas de 50 e 60.

Por exemplo, um museu que abriga um jardim botânico, um aquário, borboletário e/ou serpentário, trilhas interativas na floresta podem ser consideradas um Museu Vivo. Essa abordagem pode ser entendida como uma forma de educação mais interativa, na qual os visitantes não apenas observam exposições estáticas, mas participam ativamente de atividades práticas, promovendo uma experiência mais envolvente e dinâmica (Assumpção Cordeiro, 2019).

L'stoile (2012) destaca a presença de animais em museus como uma questão que faz

emergir fronteiras entre o humano e o animal, o vivo e o morto, o selvagem e o doméstico, o exótico. Ennio Candotti (2021) evidencia que, nos Museus Vivos, a abordagem tradicional de visitas às coleções organizadas, segundo critérios predefinidos, é substituída pela observação direta das interações dinâmicas entre elementos, como, por exemplo: insetos e plantas, predadores e presas, sol e folhas, entre outros.

Algumas instituições se autodenominam Museus Vivos ao focarem na preservação e representação da vida cotidiana, muitas vezes utilizando cenários ou recriações de ambientes históricos para oferecer uma visão mais imersiva do passado (Gaspar, 1993).

Nesse sentido, ao explorar as dimensões dos Museus Vivos, desde a presença de elementos vivos nas instituições, até a recriação da vida cotidiana e a preservação de tradições e culturas, percebemos que essas instituições desempenham um importante papel na conscientização sobre a importância da preservação ambiental e cultural (Reis, 2021). Esses museus surgem como impulsionadores de uma transformação na concepção de espaços culturais, incorporando elementos dinâmicos, incentivando a aprendizagem interativa e salvaguardando tradições vivas (Reis, 2021).

A concepção expandida do termo Museu Vivo, conforme descrito por Biora (2019), vai além da preservação de espécies naturais, vegetais e animais, estendendo-se também a cidades históricas e seus monumentos.

Além destes, Menezes (2021) ressalta que as experiências de museus protagonizadas por grupos e segmentos sociais que buscam afirmar suas identidades étnicas e culturais estão crescendo em todo o país e no mundo. Esse movimento ocorre em oposição aos processos de globalização e mundialização da cultura, refletindo um desejo crescente de reafirmar identidades locais e valorizar conhecimentos tradicionais.

Os Museus Vivos representam uma abordagem inovadora na concepção de espaços culturais, integrando elementos dinâmicos, promovendo a aprendizagem interativa e preservando tradições vivas (Silva, 2017). O potencial de oferecer uma experiência enriquecedora e estimulante torna essas instituições essenciais como catalisadoras na promoção da valorização da diversidade e na preservação da herança cultural (Oliveira; Santos, 2019).

Gaspar (1993, p. 32) destaca "uma concepção de Museu vivo e atuante, uma instituição



educativa interdisciplinar dinâmica, capaz de atuar, concomitantemente, como um centro de estudos para a preservação da identidade de nossa cultura científica". Uma instituição que para além de seus espaços de visita e exposição, funciona como um centro de pesquisa.

Este artigo visa caracterizar o Museu da Amazônia (Musa) como um de Museu de Ciências e Museu Vivo, destacando seu papel como promotor da conservação da biodiversidade amazônica.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, ao explorar questões complexas e contextualizadas, em que a compreensão das perspectivas individuais e das interações sociais foi essencial (Bicudo, 2014).

A abordagem fenomenológica que nos guiou é a de Merleau-Ponty (1999), que explora tanto as essências quanto a existência humana em relação ao mundo. O autor argumenta que a fenomenologia não se limita a estudar abstratamente essências, mas as situa na experiência concreta da vida cotidiana. Busca compreender como experimentamos e compreendemos o mundo através da nossa percepção sensorial e da nossa relação encarnada com o ambiente ao nosso redor, destacando a importância do corpo e da experiência vivida na constituição do nosso mundo e da nossa identidade.

A pesquisa foi realizada no Museu da Amazônia, localizado em uma área de floresta primária de terra firme no município de Manaus, estado do Amazonas. A instituição está integrada à Reserva Florestal Adolpho Ducke, ocupando uma porção de cerca de 100 hectares em uma de suas bordas.

Dentre os instrumentos utilizados para coleta de dados na dissertação, exploraremos neste artigo a pesquisa documental e a entrevista narrativa.

A análise documental como técnica foi utilizada para caracterização do Musa como um Museu de Ciências e Vivo. Foi realizada análise documental do site oficial da instituição, incluindo seu estatuto. Através do site, obtivemos informações sobre o Museu, desde sua concepção inicial até seus objetivos, exposições, estrutura física, viveiros, equipe de colaboradores e o Estatuto. Neste estão definidas as normas e resoluções referentes ao

funcionamento da instituição.

A entrevista narrativa é uma técnica usada para gerar histórias (Muylaert et al 2014). A entrevista foi realizada com o diretor adjunto no dia 25 de outubro de 2023, com duração de 46 minutos, para que pudéssemos compreender o Musa como Museu de Ciências e um Museu Vivo<sup>4</sup>. O sujeito da entrevista foi Filippo Stampanoni Bassi, arqueólogo italiano, atualmente ocupando o cargo de diretor-geral do Museu da Amazônia (Musa). Formado em Letras Clássicas e Arqueologia pela Universidade de Bologna-Alma Mater Studiorum, na Itália. Possui pós graduação em Arqueologia (Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo).

Para análise e interpretação dos dados coletados utilizamos a Análise Textual Discursiva (Moraes; Galiuzzi; 2007; 2016).

## 4 RESULTADO E DISCUSSÃO

Nesse tópico, apresentamos duas sessões, uma sobre o Musa como um Museu de Ciências e outra como Museu Vivo.

### 4.1 O Musa é um Museu de Ciências

De acordo com o Estatuto do Musa, a instituição é uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos e laica. O Museu possui prazo de duração indeterminado e tem sua sede e foro na cidade de Manaus, AM, podendo estabelecer unidades de pesquisa, divulgação e exposição em qualquer parte do território nacional e no exterior. "O propósito do Musa é valorizar, disseminar e aprofundar a importância histórica, cultural e científica das comunidades e ecossistemas que constituem a vasta bacia amazônica" (Candotti; Franco; Ferraz, 2010, p. 5-6).

Gaspar et al (2021) refletem sobre a visão abrangente e integrada do Museu da Amazônia

---

<sup>4</sup> A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade do Estado do Amazonas, para verificação dos critérios éticos e foi aprovada conforme parecer nº 6.548.669. Além disso, os sujeitos da pesquisa que aceitaram participar deste estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido-TCL, manifestando assim interesse em participar da investigação.



como uma instituição dedicada a reunir e apresentar os diversos elementos que compõem a Amazônia. Os autores descrevem o Musa como um espaço que busca reunir seres, paisagens e culturas da região, destacam a abordagem integrativa adotada pela instituição para representar a complexidade da floresta amazônica.

O Museu da Amazônia é aberto à visitação para momentos de lazer e turismo, mas também para realização de atividades pedagógicas, recebendo grupos escolares e universitários. Ele é composto por sete trilhas em meio a floresta amazônica (totalizando 5 km), as quais perpassam seus atrativos: viveiros de plantas, palmeiras, samambaias, jardim sensorial, lago das vitórias-amazônicas, aquários, serpentário, borboletário, casa dos aracnídeos, fungário, laboratórios experimentais, exposições e uma torre de 42 metros de altura.

Seu principal atrativo é a torre de observação, que permite aos visitantes contemplar a floresta e contribui para pesquisas sobre o clima e a biodiversidade. A descrição da estrutura básica do Museu evidencia diversas temáticas relacionadas à biodiversidade amazônica que podem ser exploradas na visita. Enquanto um Museu de Ciências, sua estrutura explora as Ciências Naturais de forma mais intensa.

Em relação às exposições, no momento da construção desse trabalho, foram identificadas 06 exposições. A "Peixe e Gente" é baseada na obra do antropólogo Aloisio Cabalazar e aborda os conhecimentos indígenas sobre pesca, mitologia e cosmovisão relacionados aos peixes e à relação entre humanos e natureza na região do Alto Rio Negro (Musa, 2023).

A exposição "Pinturas de Feliciano Lana" apresenta as obras do indígena do povo desana com vasto conhecimento dos mitos e histórias da região. Lana não só pintou a fachada do pavilhão da exposição, mas também criou aquarelas que retratam os mitos de origem, oferecendo uma visão sobre como os habitantes do rio Tiquié compreendem o mundo e suas origens, destacando suas práticas e modos de vida distintos dos urbanos (Musa, 2023).

A exposição "Aturás mandiocas beijos" celebra o Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro, destacando o papel central da mandioca e sua interação com os habitantes locais. A exposição ilustra os métodos de cultivo, desde o preparo do solo até o cozimento dos alimentos, incluindo o tradicional método de preparo do "roçado". Além disso, apresenta utensílios derivados de cipós, revelando habilidades artesanais e uma conexão profunda com os recursos

naturais. A presença de uma casa de farinha em funcionamento oferece aos visitantes uma experiência imersiva nos processos de produção da mandioca, promovendo uma compreensão mais profunda da cultura e dos modos de vida tradicionais da região amazônica.

A mostra "Amazônia Indígena" apresenta 61 painéis fotográficos ao longo da trilha branca, exibindo imagens da vida e cultura indígena capturadas pelo fotógrafo Renato Soares. Inaugurada em 19 de abril de 2022, a exposição reafirma o compromisso do Museu com os direitos constitucionais indígenas e denuncia invasões em suas terras.

A exposição "Passado presente: dinos e sauros da Amazônia" convida os visitantes a explorar a história dos grandes animais que habitaram a Amazônia em diferentes períodos, há 115 milhões, 5 milhões e 11 mil anos atrás. Por meio de fósseis e réplicas de esqueletos, revela os segredos da evolução e da seleção natural, despertando percepções sobre a vida pré-histórica na região.

Como descrito acima, as exposições evidenciam a forte relação do Museu com os povos indígenas e sua cosmovisão, em especial, os do alto Rio Negro. Já a "Passado presente" foca na importância da paleontologia como uma área de grande interesse científico e patrimonial.

Destacamos que as exposições envolvem uma rede de colaboradores para sua construção:

[...] as exposições do Museu têm como característica principal o fato de tentarem ser construídas por muitas mãos, incluindo, de forma central, na produção da exposição, de forma direta os povos interessados. Vamos explicar melhor, as duas exposições de caráter etnográfico que temos: a exposição 'Peixe de Gente' e a exposição da Mandioca. Ambas são exposições que contam com uma curadoria compartilhada com as populações das quais provém o conhecimento. No caso da exposição da Mandioca, ela teve um período de produção extenso, sendo o resultado de um trabalho colaborativo e intercultural entre três pesquisadoras de diversas instituições e um grupo de indígenas de Santa Isabel do Rio Negro. Portanto, todo o processo e a curadoria foram realizados de forma dialógica, cultural e colaborativa. Acreditamos que esse seja um ponto de vista fundamental para apresentar a importância da diversidade biosociocultural, a diversidade cultural da Amazônia[...] (Bassi, 2023).

Os diferentes atrativos do Museu podem sugerir a concepção de Ciência que pretendem abordar, seu diretor evidencia que o Museu:

[...] é um Museu de Ciências e, no entanto, é justamente um Museu de Ciências no plural ou vamos dizer assim do ponto de vista mais amplo possível do que a gente pode



chamar Ciência. É um Museu que trata também de conhecimentos não científicos em termos da ciência ocidental como por exemplo os conhecimentos das populações indígenas, [...] mas a gente leva a sério esses conhecimentos da mesma forma com que a gente leva a sério conhecimento científico ocidental. Então assim de ciências incluindo, porém a ciências propriamente de amazônicas que são as filosofias e os conhecimentos indígenas.

O Museu se configura como um espaço dinâmico de culturas que, ao longo de milênios, encontraram formas de coexistência entre seres humanos e não humanos, com a floresta e as águas, mantendo viva a memória de sua ocupação nesses territórios.

Além do que é visível aos visitantes, destacamos que o Museu busca se tornar uma referência na pesquisa, preservação e disseminação do patrimônio arqueológico amazônico, com atividades conduzidas com base no respeito às comunidades tradicionais. Desde 2016, realiza pesquisas arqueológicas na região, desenvolvendo um acervo acessível ao público e infraestruturas laboratoriais. Além da área de arqueologia, a instituição tem outras parcerias, colaborando com cientistas locais e internacionais para compreender os ecossistemas amazônicos e propor soluções para as questões socioambientais locais.

Entre todos seus atrativos, o destaque é o contato direto com a floresta (Bassi, 2023).

Bom, eu diria que todo Museu é pensado para oferecer uma experiência imersiva. Para o visitante que entrar no Musa, vamos dizer assim, ele vai ter uma primeira experiência que a gente considera fundamental que é o contato direto com a floresta. Essa é a parte que a gente considera mais importante do Museu, no entanto, é aquela que nos dá mais desafios para a gente conseguir tornar ela realmente uma experiência cheia de significado para o visitante, porque nem todo visitante vai atravessando a floresta do mesmo jeito. Isso é até interessante, nosso trabalho é aquele de fazer com que as pessoas que entram na floresta pela primeira vez, elas possam sair diferente de como entraram, então entenderam o máximo possível de coisas que possam mudar um pouquinho a percepção sobre essa floresta do ponto de vista do que a gente oferece.

Para enfrentar o desafio de contribuir para que os visitantes tenham uma experiência imersiva significativa na floresta, o Musa oferece a possibilidade de visitas guiadas por monitores. O Museu conta com 30 monitores ativos e cadastrados em seu banco de contatos para receber visitas individuais, grupos de turistas ou de escolas e universidades.

Esse contato direto com a floresta representa o principal potencial do Museu da Amazônia como um Museu Vivo, conceito que será explorado na próxima sessão.

## 4.2 O Musa como Museu Vivo

O Museu da Amazônia tem a floresta viva como seu principal aliado, proporcionando uma experiência imersiva aos visitantes dentro da Reserva Florestal Adolpho Ducke. E entre a floresta destacam-se suas trilhas, exposições interativas, viveiros entre outras surpresas que a floresta viva pode presentear ao visitante. Em suas trilhas e exposições, os visitantes participam ativamente, aprendendo sobre a biodiversidade amazônica e as culturas dos povos da floresta.

A floresta viva como seu principal atrativo pode ser considerada um dos fatores que o classificam como Museu Vivo. Segundo Felippo Stampanoni Bassi (2023), ao adotar essa abordagem e perseverar nessa jornada, o Museu consegue compartilhar de maneira significativa os tesouros e conhecimentos que a Amazônia tem a oferecer dentro da Reserva.

Ele é um Museu dedicado à biodiversidade da Amazônia, destacando-se por estar situado em uma área de reserva florestal. Sua característica principal é a presença dentro da floresta, permitindo que parte das coleções e das mensagens que o Museu deseja transmitir ao público seja a própria floresta em seu estado natural. Portanto, o Musa tem a missão de comunicar a importância da Amazônia estando dentro dela, e a partir da floresta, como ela realmente é. Assim, um dos objetivos é apresentar a todos os visitantes os diversos processos que ocorrem na floresta (Bassi, 2023).

Algumas características que o destacam como um Museu Vivo são suas trilhas, viveiros de plantas, animais e exposições interativas e educacionais. Os visitantes têm a oportunidade de conhecer plantas nativas, espécies de animais da Amazônia e explorar as interações entre os seres vivos e os ecossistemas amazônicos.

Diferentemente dos museus convencionais, nos quais os objetos são dispostos em vitrines e os visitantes são meros espectadores, o Musa, enquanto Museu Vivo, possibilita a participação ativa das pessoas, proporcionando-lhes experiências ricas e envolventes com a floresta.

A ênfase na exploração sensorial e na empatia com os diversos seres vivos da Amazônia movimenta o Museu a convidar os seus visitantes a conhecer a floresta e seus seres:

Que segredos escondem as águas do rio Negro? Que constelações as diversas etnias indígenas amazônicas identificam no céu? Como um mosquito vê a floresta ao seu redor? Seria possível “enxergar” o ar que se move entre a copa das árvores?[...] Para



cumprir esse objetivo, será preciso ir ao encontro da natureza. Os sentidos, como o tato e a visão, não são os únicos aliados na jornada – microscópios, lupas e microcâmeras podem colaborar. Muitas vezes, será preciso sair da posição de observador, ser pássaros ou formigas, para entender como um pássaro vê ou o modo como uma formiga percebe o mundo. Como? É o que queremos saber ([museudaamazonia.org.br/a-ideia](http://museudaamazonia.org.br/a-ideia)).

Ao encorajar os visitantes a experimentar o mundo através dos olhos de outros seres, o Musa convida-os a refletir sobre a interdependência entre todas as formas de vida na floresta.

Essa abordagem incentiva os visitantes a refletirem sobre a conscientização ambiental e a conservação da natureza. Por meio de interatividade e programas educativos, o Museu convida os visitantes a interagirem diretamente com a biodiversidade amazônica, promovendo uma compreensão mais profunda da interconexão dos ecossistemas. Ao ser chamado de Museu Vivo, ele quebra a noção de espaços estáticos, tornando-se dinâmico e interativo, representando a vida e a cultura em constante transformação. Essa abordagem torna a visita um incentivo a apreciar e respeitar a natureza.

Segundo Gomes (2016, p. 11), o Museu Vivo “é uma nova concepção museológica que valoriza o território, o patrimônio e a comunidade”. Para a autora, não é focar apenas nas coleções e exposições dentro das paredes do museu, essa abordagem amplia o escopo para incluir o contexto mais amplo do território, as histórias das comunidades humanas e a importância do patrimônio cultural tangível e intangível.

Nessa direção destacamos que o Musa se identifica como “Uma casa de Cultura e Ciência, de convivência e celebração da diversidade do ser no mundo” (MUSA, site oficial). Essa celebração se manifesta de várias maneiras na instituição, como sua infraestrutura e atrativos, parcerias na construção de exposições, realização de eventos culturais e pesquisas científicas. Sendo assim, podemos afirmar que o Musa é um Museu Vivo. As ações supracitadas visam que o Museu atinja seus objetivos expressos no Art. 4º de seu Estatuto:

- I – desenvolver e administrar programas e projetos de museologia, pesquisa, educação e turismo, dedicados ao estudo e à divulgação do conhecimento científico e social dos biomas, da história e das culturas da região amazônica;
- II – apoiar, fomentar e/ou implementar, sob as mais diversas formas, o turismo científico-cultural, o desenvolvimento científico e tecnológico, as atividades de divulgação e conservação nas áreas de meio ambiente e produção de conhecimentos tradicionais e os estudos sócio-ambientais;
- III – estabelecer uma rede de intercâmbio de informações e cooperação com museus,

universidades, institutos e organismos especializados do País e do exterior, contribuindo para o desenvolvimento científico, cultural e tecnológico da região amazônica.

IV – colaborar com os Governos dos Estados da Amazônia e com o Governo Federal, institutos de pesquisa, organizações não governamentais, empresas públicas e privadas na execução de programas, projetos inclusive fornecendo suporte básico ou complementar na forma de investimentos e gestão financeira, para atividades.

Os objetivos do Museu destacam compromissos que podemos associar a um Museu Vivo: (i) promover a divulgação científica relacionadas à biodiversidade amazônica por meio de coleções e encontros com/na floresta; (ii) realizar pesquisas junto às comunidades locais e internacionais, evidenciando o conhecimento vivo e dinâmico em constante construção; e (iii) fortalecer as culturas tradicionais, ressaltando o aspecto vivo de suas tradições. Esse último item retoma o que foi destacado no item anterior, do fortalecimento das comunidades locais, por meio das exposições que as retratam, mas mais do que isso, as comunidades enquanto parceiras na construção delas.

Os objetivos do Musa refletem uma abordagem integrada para a promoção do conhecimento e da conservação na região amazônica, abrangendo desde a popularização da ciência até a pesquisa especializada em diversas áreas do conhecimento. Isso ressalta a importância do Museu para a educação, pesquisa e conservação na maior floresta tropical do mundo.

Segundo Candotti (p.300, 2019) “nos últimos anos, têm sido criados “museus vivos” de cultura e memória popular em grandes centros ou distantes deles, principalmente em comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas, de quebradeiras de coco, de pescadores e de pequenos agricultores tradicionais, entre outros”. O Musa contribui para fortalecer os povos da floresta na metrópole amazonense.

Essa perspectiva desafia a ideia de que história e cultura são fixas, enfatizando sua relevância constante e sua ligação com as experiências e identidades das sociedades modernas. Além disso, o Museu da Amazônia promove a participação das comunidades locais, tornando-se um local de encontro, diálogo e criação cultural, ao invés de um local de contemplação passiva. O Museu Vivo reformula a função dos museus na sociedade, e no caso específico de estudo, o Musa é um ator ativo na promoção da diversidade, inclusão e reflexão crítica sobre o mundo ao nosso redor, no caso a biodiversidade amazônica.



## 5 CONSIDERAÇÕES

O artigo caracterizou o Museu da Amazônia como um Museu de Ciências e Museu Vivo, enfatizando sua capacidade de integrar ciências, natureza e tradições culturais. Como um Museu de Ciências aborda a biodiversidade amazônica, com foco na cultura indígena. Sua relevância como Museu de Ciências reside nos seus atrativos, como trilhas na floresta, viveiros (serpentes/aracnídeos/borboletas) e exposições interativas no decorrer das trilhas, que permitem aos visitantes explorar e aprender de forma ativa e participativa. Além disso, a interação direta com a floresta proporciona uma vivência autêntica e sensorial, enriquecendo o conhecimento sobre a biodiversidade e promovendo uma conexão emocional com o meio ambiente, incentivando o cuidado e a conservação.

Por outro lado, o Musa também é um Museu Vivo, por sua capacidade de oferecer uma experiência única e imersiva na floresta amazônica. Soma-se a ela, o desenvolvimento de pesquisas e parcerias com comunidades locais, o que o torna um local vivo, no qual os conhecimentos são construídos cotidianamente.

Destacamos que a experiência imersiva oferecida pelo Musa pode conectar os visitantes com a riqueza da natureza e da cultura amazônica. Sua abordagem imersiva pode inspirar outros museus e espaços, evidenciando a importância de promover uma compreensão mais ampla e integrada do mundo natural e cultural.

Dessa forma, o Musa se destaca não apenas como um Museu de Ciências dedicado à biodiversidade amazônica, mas também como um Museu Vivo. A sua abordagem visa promover uma compreensão integrada do mundo natural e cultural, enquanto incentiva o cuidado e a conservação ambiental. O Museu da Amazônia é uma importante instituição em Manaus – AM para a divulgação científica e preservação da biodiversidade amazônica e pode inspirar outros espaços de educação e divulgação científica no Brasil e no mundo.

## REFERÊNCIAS

BICUDO, M. A. V. "Meta-análise: seu significado para a pesquisa qualitativa." **Revista Eletrônica de Educação Matemática**, v. 9, p. 7-20, 2014.

CANDOTTI, Ennio. "**Marcas na Amazônia**: coleções, exposições e museus." Museu Goeldi, p.

294, 2019.

CANDOTTI, Ennio. Viver juntos no Musa. **Cadernos de Astronomia**, v. 2, n. 1, p. 115-115, 2021.

DE ASSUMPCÃO CORDEIRO, Tatiane Oliveira. As dimensões da construção social do patrimônio no Museu Vivo do São Bento. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 32, n. 51, p. 59-69, 2019.

DE L'ESTOILE, Benoît. A vida selvagem em vitrine: reflexões sobre os animais em museu. Proa: **Revista de Antropologia e Arte**, v. 3, 2011.

GASPAR, A. "**Museus e centros de ciências**: conceituação e proposta de um referencial teórico." 1993.

GOMES, Isabel; CAZELLI, Sibebe. "Formação de mediadores em museus de ciência: saberes e práticas." **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências** (Belo Horizonte), v. 18, p. 23-46, 2016.

GOMES, Marta Taets. "**Patrimônios de Duque de Caxias: história e memória no Museu Vivo do São Bento**." 2016. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

KAWASAKI, Clarice Sumi; OLIVEIRA, LB de. "Biodiversidade e educação: as concepções de biodiversidade dos formadores de professores de biologia." **Atas do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Baurú, SP, 2003.

MARANDINO, Martha et al. "A percepção de biodiversidade em visitantes de museus: um estudo no Brasil e na Dinamarca antes da visita". **Tempo Brasileiro**, v. 188, n. 188, p. 97-112, 2012.

MARANDINO, Martha. "Museus de Ciências, Coleções e Educação: relações necessárias". **Museologia e Patrimônio**, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2009.

MARANDINO, Martha. **Educação em museus**: a mediação em foco. São Paulo: Geenf, 2008.

MARANDINO, Martha. **O conhecimento biológico nas exposições de museus de ciências**: análise do processo de construção do discurso expositivo. São Paulo, SP: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2001.

MARÍN, Y. A. O. et al. "O ensino da biodiversidade: tendências e desafios nas experiências pedagógicas." **Góndola, enseñanza y aprendizaje de las ciencias**, v. 12, n. 2, p. 173-173, 2017.

MERLAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.



MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. "**Análise textual**: discursiva." 3. ed. Revisada e Ampliada. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

MUSA - **Museu da Amazônia**. Página inicial. Disponível em: <https://www.musa.org.br/>. Acesso em: 21 abr. 2024.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. "Entrevistas narrativas: um recurso importante em pesquisa qualitativa." **Revista da Escola de Enfermagem da USP.**, v. 48, p. 184-189, 2014.

OLIVEIRA, R. S.; SANTOS, M. A. (2019). "Museus e Patrimônio Cultural: O Papel dos 'Museus Vivos' na Promoção da Diversidade Cultural." **Cadernos de Patrimônio Cultural**, 15(3), 45-59.

REIS, G. A. "Os museus de território enquanto estratégia de mobilização do patrimônio ambiental e cultural." **Revista CPC**, v. 16, n. 31, p. 69-94, 2021.

SILVA, A. B. "Museus Vivos: Integração Dinâmica na Preservação Cultural." **Revista Brasileira de Museologia**, v. 24, n. 2, p. 78-89, 2017.

STUDART, Denise. Um panorama dos museus que trabalham com a questão ambiental no Brasil. In. **Museus, biodiversidade e sustentabilidade ambiental**. Rio de Janeiro: Espirógrafo editorial; Associação Brasileira de Museologia, pp. 108-120, 2014.

---

#### AGRADECIMENTOS E APOIO

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ensino de Ciências da Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas, no qual o metrado foi realizado. Agradecemos também a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) que concedeu bolsa a mestrandia. Agradecemos ao Musa que apoiou a realização desta pesquisa.

#### COMO CITAR - ABNT

ALMEIDA, Marley Guerreiro de; BATTAINI, Vivian. MUSA: o museu de ciências vivo da Amazônia. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 20, n. 34, e23017, jan./jul., 2023. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v20.n34.3676>

#### COMO CITAR - APA

Almeida, M. G. & Battaini, V. (2023). MUSA: o museu de ciências vivo da Amazônia. *Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, 20(34), e23017. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v20.n34.3676>

#### LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* ([CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



#### HISTÓRICO

Submetido: 25 de março de 2023.

Aprovado: 15 de maio de 2023.

Publicado: 30 de julho de 2023.

---